

CRESCER ATÉ 3% É POSSÍVEL

Ipea acha meta realista; empresários estão cautelosos.

A previsão do ministro Márcio Marques Moreira, de que a economia deverá crescer 2 ou 3% este ano, provoca opiniões contraditórias. Enquanto o Instituto de Pesquisa e Economia Aplicada (Ipea), órgão ligado ao Ministério da Economia, considera a meta realista, consultores, economistas e empresários de São Paulo recebem o número com cautela.

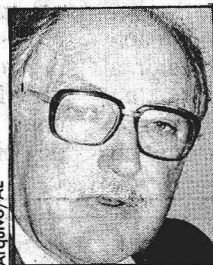
"Essa taxa é realista", disse à repórter **Barbara Oliveira** o diretor de macroeconomia do Ipea, Felipe Ohana, lembrando que o instituto já estava prevendo um incremento de 1,4% do PIB até junho. A boa safra agrícola deverá provocar uma taxa positiva de 10% no PIB e os serviços, que incluem atividade financeira, energia elétrica, transportes e comunicações, apresentarão o mesmo desempenho de 91: cerca de 2%. A indústria de transformação, no entanto, terá um comportamento muito fraco novamente, com -1% ou no máximo zero.

Para a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), o governo precisará acelerar, e muito, medidas na área econômica se quiser atingir o crescimento. E ainda assim corre o risco de não haver tempo hábil para isso. "Nós temos esperança de crescimento, mas para isso é necessário que o governo atenda os apelos de apressar as reformas fiscal e

tributária e diminuição dos juros", disse Mario Amato, presidente da Fiesp, à repórter **Wanise Ferreira**.

Na opinião de Horácio Lafer Piva, diretor da Fiesp, as dificuldades para o crescimento do PIB são muito grandes. Além da indústria, que sofre

perda de mercado, ele cita o setor de serviços, "que está altamente deprimido e nunca demitiu como agora". Empresários ligados à Fiesp acham que o consumidor está e deverá continuar cauteloso nos seus gastos, principalmente pelo temor do desemprego. "Não adianta apostar nos dissídios coletivos para que haja incremento de mercado, o receio de perder o em-



Celso Hahne

prego leva as pessoas a pouparem e diminuir ainda mais os gastos", comenta José João Locoselli, presidente da Associação Brasileira da Indústria de Produtos de Limpeza.

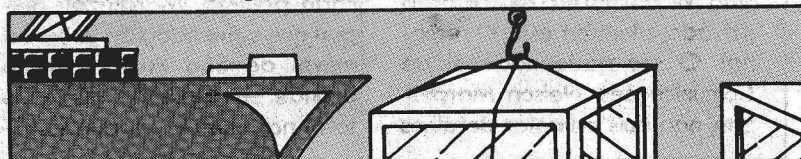
Celso Hahne, presidente da Associação Brasileira da Indústria de Plásticos (Abipla) está mais otimista, apesar de também se preocupar com os recursos que estão indo para a poupança. Ele acredita que caso seja acelerada a reforma fiscal eo governo leve adiante seu plano de incentivar a construção civil, é possível registrar ainda esse ano um crescimento do PIB. "Mas tem que agir rápido, não adianta ficar esperando que a in-

flação caia por inércia para somente depois tomar as medidas."

Fatores positivos

Mas para o consultor da área econômico-financeira da Trevisan Auditores & Consultores, Luiz Nelson Porto Araújo, a credibilidade na política econômica do ministro Márcio e a relativa estabilização da inflação na patamar de 19% a 20% nos próximos dois ou três meses, com possibilidade de queda no segundo semestre, são fatores positivos que podem desinibir a economia. Luiz Nelson não acredita em aumento de consumo em função da liberação dos cruzados, mesmo no segundo semestre. "Ninguém vai sair gastando quando vir que o fim da crise de aproxima. Existe muita cautela de parte do consumidor." Até agora, 80% dos cruzados liberados mensalmente permanecem no próprio sistema financeiro. Para evitar uma explosão na liquidez, o governo vem colocando títulos no mercado a taxas atraentes.

Arno Meyer, do Instituto de Economia do Setor Público (Iesp), frisa que o principal problema do governo daqui para a frente, ao lado do ajuste fiscal, será o equacionamento da dívida pública. Ele lembra que a dívida mobiliária (fora o Banco Central) já cresceu 100% no primeiro trimestre.



A Evolução do Produto Interno Bruto (em percentuais)

Período	PIB	Agropecuária	Indústria	Serviços*
1990	-4,2%	-3,7%	-7,9%	-0,7%
1991	1,2%	2,1%	0 2,0%	
1992**	2% a 3%**	10,0%**	0 a -1%**	2,0%**

Obs.: Valor estimado do PIB = US\$ 450 bilhões

(*) Inclui instituições financeiras, serviços de comunicações, transportes.

(**) Estimativas

Fonte: IPEA